

Sêneca: o papel do sábio na formação da humanidade

Seneca: the role of the sage in the formation of humanity

José Joaquim Pereira Melo

Doutor em História, professor do Departamento de Fundamentos da Educação e do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Estadual de Maringá.
e-mail: jjpereiramel@hotmail.com

Resumo

Propõe-se com o presente artigo proceder a algumas reflexões sobre a proposta de educação de Sêneca e o papel que, nela, ele atribui ao sábio. Situando Sêneca em seu momento histórico, quando o romano se considerava um porta-voz da universalidade humana, procura-se detectar o processo de pensamento que o levou a conceber o sábio como o homem ideal para se dedicar à educação da humanidade. Segundo Sêneca, as verdades encontradas e acumuladas na sua caminhada rumo à perfeição qualificam-no para exercer esse magistério. Assim sendo, o sábio, ponto culminante da dinâmica formativa e maior estágio de aperfeiçoamento alçado pelo homem, deveria abandonar as demais atividades civis e públicas para se tornar o referencial educacional dos homens em busca da virtude e da perfeição.

Palavras-chave

Sêneca; formação; sábio.

Abstract

The present article intends to proceed with some reflections on Seneca's proposition of education and the part that he attributed to the sage. Placing Seneca in his historical moment, when the Roman man considered himself as a spokesperson for human universality, we intend to detect the process of thought that took him to conceive the sage as the ideal man to be dedicated to the education of humanity. According to Seneca, the truths found and accumulated on his road to perfection qualify him to exercise such work. In this way, the sage, the culminating point of the formative dynamic and the greatest phase of improvement reached by man, must abandon all other civil and public activities to become the educational reference of humankind in search of virtue and perfection.

Key words

Seneca; formation; sage.

A vida e a obra de Sêneca¹ foram marcadas por um contexto histórico que apresentava dois pontos de convergência: a relevante vigência do estoicismo e a permanência operativa do helenismo no mundo romano.

Três fatos significativos podem ser tomados como referência e ponto de partida para as reflexões sobre Sêneca e sua época: 1) o desaparecimento dos grandes pensadores do período clássico grego, cujo resultado foi a fragmentação do antigo sistema filosófico em escolas e sistemas diversos, tais como: ascéticos, epicuristas, peripatéticos; 2) o esvaziamento do processo criador da cultura grega: o helenismo trouxe consigo, como corolário da época precedente, a tecnificação e a aplicabilidade da reflexão. As ciências ou saberes particulares tinham começado a se desvincular do tronco filosófico, o qual, por sua vez, transformou-se numa ciência voltada para os grandes problemas do homem; 3) esses novos tempos foram marcados por uma agitação e uma instabilidade que levaram o homem livre a buscar segurança e tranquilidade na filosofia, já convertida em guia espiritual e diretora da vida humana, com um marcado interesse por temas e problemas humanos, em sua dimensão existencial (REDONDO e LASPALAS, 1997).

Em contato com a cultura grega, os romanos entraram na órbita do helenismo e, sobre seu complexo modelo de saberes, recriaram um outro modelo, mais de acordo com seu espírito prático, pouco dado às grandes reflexões filosóficas. Na organização de sua própria identidade cultural, as grandes elaborações teóricas características

da cultura grega não tiveram espaço na Estoá dos romanos.

O apreço do estoicismo ao dever e à autodisciplina e sua sujeição à ordem natural das coisas vinham ao encontro das antigas virtudes romanas e dos seus hábitos conservadores, bem como de sua insistência nas obrigações cívicas. Enfim, sua doutrina a respeito do cosmopolitismo estava de acordo com a mentalidade política romana e com o orgulho de ser um império mundial.

De forma específica, de maneira não-marginal, o estoicismo romano colocou em discussão a pedagogia, a qual, com a noção de humanistas, tornou-se ponto central da cultura e da formação do homem romano. Naquele momento, em Roma, o homem sentia-se revestido de uma humanidade universal, deixando de se considerar apenas um cidadão ligado ao *mos maiorum* e ao papel de civis *romanus*. Foram, assim, criados modelos de pedagogia estritamente ligados ao saber mais universal e autônomo, o saber filosófico (CAMBI, 1999).

Como não podia ser diferente, essa preocupação pedagógica marcou a reflexão de Sêneca, transformando-o em uma das vozes romanas mais importantes e significativas em matéria de pedagogia, conforme se pode observar em alguns dos seus Diálogos: Sobre a brevidade da vida, Sobre a tranquilidade da alma, Sobre o ócio, e, particularmente, as Cartas de Lucílio. Estas últimas constituem um modelo pedagógico que desembocava num processo de auto-educação: "Ainda resta muito trabalho a fazer. Se desejais atingir este objetivo, careces de muita atenção da minha parte, mas também de bastante esforço da tua. A vir-

tude não se conquista por procuração" (*Cartas* 27,4).

Mesmo reconhecendo a contribuição que o processo educativo poderia receber do mundo exterior, Sêneca considerava que a chave da formação radicava no esforço pessoal do indivíduo para se educar. No fundamental, nada poderia substituir a própria formação.

Para ele, a direção desse processo somente seria possível com o entendimento da condição humana: que é o homem, qual o seu destino, qual é seu bem supremo?

Para a primeira questão, a resposta de Sêneca é uma definição clássica: o homem é um animal racional. A plenitude humana se realizaria se o homem cumprisse o fim para o qual nasceu: "viver conforme a natureza". Para ele, essa máxima tinha um conteúdo metafísico, uma vez que a natureza era entendida como uma especificidade do homem, ou seja, este era naturalmente dotado de razão. Logo, "viver segundo a natureza" significava desenvolver esse potencial (GARCÍA GARRIDO, 1969). Essa submissão à ordem Universal, cuja inexorabilidade era racionalmente reconhecida, deveria ser espontânea. Por esse caminho chegava-se à virtude, ao bem maior, à felicidade suprema (REALE, 1994), a qual, por extensão, era o objetivo fundamental da educação.

Qual é a qualidade exclusiva do homem?
A razão: quando a razão é plena e consumada proporciona ao homem a plenitude. Por conseguinte, uma vez que cada coisa quando leva à perfeição a sua qualidade específica se torna admirável e atinge a sua finalidade natural, e uma vez que a qualidade específica do homem é

a razão, o homem torna-se admirável e atinge a sua finalidade natural quando leva a razão à perfeição máxima. À razão perfeita chamamos a virtude, a qual é também o bem moral (*Cartas* 76, 10-11).

Chegando a esse estágio, o processo formativo fluiria de maneira rápida e tranqüila. Entretanto, Sêneca identificou um sério obstáculo que comprometia o seu desenvolvimento: o caráter racional da alma colocava o homem acima dos demais seres do universo. Por ser ela algo "divino", detinha força e poder singular: era "um deus que se hospeda no corpo humano" (*Cartas* 31, 11). No entanto, essa mesma alma, em virtude da qual a natureza humana guardava um certo parentesco com a "divindade", raiz de todas as suas perfeições, se achava presa no corpo humano, como em um cárcere. Em grande medida, era limitada e condicionada por ele: o corpo constituía para a alma um obstáculo que a impedia de alçar às alturas da perfeição a que era chamada. Em rigor, a parte superior e mais nobre da natureza humana se achava submetida e escravizada, exatamente por aquela parte tida como inferior.

De facto este nosso corpo é para o espírito uma carga e um tormento; sob o seu peso o espírito tortura-se, está aprisionado, a menos que dele se aproxime a filosofia para o incitar a alçar à contemplação da natureza, a trocar o mundo terreno pelo mundo divino. Esta a liberdade do espírito, estes os seus vãos: subtrair-se ocasionalmente à prisão e ir refazer as forças no firmamento! (*Cartas* 65, 16).

Esta era, para Sêneca, a lamentável condição em que se encontrava o ser humano, cuja difícil existência radicava não somente na escravidão, mas também na

enfermidade provocada pelas paixões, verdadeiras úlceras da alma, pois a alma, submetida pelas paixões, tornava-se enferma.

Como resultado desse quadro, surgia o “homem vencido” (GARCÍA GARRIDO, 1969). Enquanto “dona de si mesma”, porém, a alma tinha forças para ajudar o homem a reverter esse quadro e, neste caso, o otimismo pedagógico que Sêneca professava passava pela razão e pela luta ascética:

A natureza deu-nos energia suficiente. A questão está em aproveitá-la, em juntar todas as nossas forças e pô-las ao nosso serviço ou, pelo menos, em não as virar contra nós mesmos. A falta de forças não passa de pretexto; o que temos na realidade é falta de vontade! (*Cartas* 116, 8).

Esse processo, segundo Sêneca, somente poderia ser alcançado por meio da liberdade. Esta possibilitava as condições necessárias para que o homem encontrasse o caminho da perfeição e da superação de qualquer forma de opressão que pudesse enfrentar em relação ao corpo, às paixões sensuais, aos bens materiais e até mesmo à morte.

Neste sentido, o homem deveria lutar para se libertar dos limites a que estava submetido e, para Sêneca, cabia à educação ajudá-lo a alcançar esse objetivo. Apesar da importância que ele atribuía à liberdade, não entendia que ela, por si, tivesse condições de levar ao processo autoformativo. Era necessário que fosse acompanhada da vontade do homem para realizá-lo. Segundo ele, o exercício da vontade era elemento fundamental no processo autoformativo: “aquilo que pode fazer de ti

um homem de bem existe dentro de ti. Para seres homem de bem só precisas de uma coisa: a vontade” (*Cartas*, 80, 4).

A importância da vontade torna-se maior quando o objetivo é o progresso moral, independentemente dos problemas e das dificuldades a serem enfrentadas ao longo da sua realização. “... E então? – dirás. Tem sido essa a minha vontade” (*Cartas* 34, 3).

Respaldada pela razão, a vontade ganha força decisória: distingue o moral do imoral, indica o caminho do bem e desvia-se da prática do mal, em uma dinâmica facilitadora da felicidade. Em Sêneca, o fato de, ao nascer, o homem trazer consigo as condições para o bem, não o dispensava da sua vontade para desenvolvê-lo (OLIVEIRA, 1998) e efetivá-lo, principalmente quando se tinha em conta que se tratava de uma determinação da natureza. “Só há uma solução, portanto: ser firme e avançar sem descanso [...], mas grande parte do progresso consiste na vontade de progredir” (*Cartas* 71, 36).

Mas, para Sêneca, caso o homem não optasse por um modelo a ser seguido, a vontade por si própria não era suficiente para que a educação fosse realizada. A caminhada autoformativa, por ser uma prática solitária, revestia-se de grande dificuldades, como era o caso das interferências externas e dos retrocessos provocados pela falta dos conhecimentos necessários que poderiam suavizar sua realização. O modelo, por conhecer as pegadas que levavam à perfeição, orientaria a direção a ser tomada, o momento de avançar e o momento de parar (PRADO, 1946, p. 47). Assim, o recurso de um modelo possibilitaria segurança para

se atingir o objetivo e seguir o caminho da perfeição, consciente e acertadamente.

Os espíritos mais fracos, contudo, necessitam de alguém que os guie, dizendo: "Deves evitar isso, deves fazer aquilo". Além disso, se quisermos esperar a altura em que, por nós mesmos, saibamos qual o melhor modo de agir, iremos entretanto cometendo erros impedir-nos-ão de atingir um ponto em que possamos estar contentes conosco; devemos deixar-nos guiar enquanto ainda estamos aprendendo a guiar-nos por nós mesmos. Também as crianças aprendem a escrever pelo exemplo: pega-se-lhes nos dedos, a mão do mestre guia-os sobre os desenhos das letras, depois diz-se-lhes que imitem o modelo apresentado, e que por ele corrijam a sua caligrafia. Um tal auxílio deve ser dado ao nosso espírito enquanto aprende a guiar-se por um modelo [...] (*Cartas* 94, 50-51).

Segundo Sêneca, a história é generosa nesse sentido, pois oferece a memória de homens cujas existências são verdadeiros exemplos para a humanidade e que estão sempre à disposição para atender aos que a eles recorrem.

[...] aqueles fundadores das sublimes filosofias nasceram para nós [...]. Podemos discutir com Sócrates, duvidar com Carnéades, encontrar a paz com Epicuro, vencer a natureza humana com a ajuda dos estóicos, ultrapassá-la com os cínicos [...]. Nenhum deles deixará de estar à nossa disposição, nenhum despedirá o que o procurar, sem o que faça mais feliz e mais devotado a ele, nenhum permitirá a quem quer que seja partir de mãos vazias; eles podem ser encontrados por qualquer homem, tanto durante o dia como à noite (*Sobre a brevidade da vida*, XIV, 1-2-5).

Apesar desse conteúdo fecundo encontrado nos grandes homens, Sêneca

recomendava que, quando se sentisse seguro em relação aos seus propósitos, o aluno se afastasse do seu guia, por já estar em condição de dar continuidade a sua caminhada evolutiva rumo à perfeição.

Mas, a liberdade, a vontade e a existência de um modelo não teriam sentido se parte do tempo não fosse dedicado à reflexão, o que levou Sêneca a considerar o "ócio útil" como a esfera privilegiada para a realização do processo educativo.

Munido dessas condições, o homem estaria apto para iniciar a sua busca pela sabedoria, a qual levaria à felicidade. Esta configurava-se, para Sêneca, como o fim da vida humana e, portanto, como o fim da educação.

Desta forma, Sêneca punha em destaque a capacidade do homem para se autogerir e, sustentado pela moral e pela razão, reconhecer-se como parte integrante de um todo (ULLMANN, 1996). Seu conceito de educação fica explícito em algumas das suas sentenças:

[...] de nada serve o ouro a prata: com estes materiais é impossível modelar a imagem da divindade (*Cartas*, 1991, 31-11).

[...] começarmos a formar e a corrigir a nossa alma antes que as más tendências cristalizem (*Cartas*, 50-5).

Que a nossa alma, portanto, se habitue a entender e a suportar o seu destino [...] (*Cartas*, 91-15).

Ninguém, a não ser que formado a partir da base e totalmente orientado pela razão, pode estar apto a conhecer todos seus deveres e saber quando, em que medida, com quem, de que modo e por que razão deve agir (*Cartas* 95,5).

Para Sêneca, de um lado, o essencial na educação não era a aquisição de habilidades intelectuais e a assimilação da cultura, mas a regeneração do homem (*Cartas*, 76, 4). De outro porém, considerava que esse processo não se fazia independentemente da dimensão intelectual. Assim, a regeneração humana tornava-se viável quando o aluno dominava as suas paixões e se encaminhava progressivamente a um peculiar saber de tipo soteriológico, não muito extenso, que Sêneca qualificava de “sabedoria”(REDONDO, 1997).

O saber, conforme entendia o pensador, não se limitava à compreensão das leis do universo e à busca do fundamento da realidade, mas tinha como função principal a formação do homem, indicar-lhe como se conduzir, ou seja, que decisões e atitudes deveria tomar para se tornar um homem novo.

Como o caminho que levava à sabedoria era a filosofia, a responsável pela formação do homem, a ação educativa diversificava-se e concretizava-se em atividades que lhe permitiam modelar a alma.

A filosofia, para Sêneca, não se resumia a preceitos ou a um saber teórico, mas definia-se no exercício da virtude e manifestava-se na própria vida (LI, 1998).

A filosofia não é uma habilidade para exibir em público, não se destina a servir de espectáculo; a filosofia não consiste em palavras, mas em acções. O seu fim não consiste em fazer-nos passar o tempo com alguma distracção, nem em libertar o ócio do tédio. O objectivo da filosofia consiste em dar forma e estrutura à nossa alma, em ensinar-nos um rumo na vida, em orientar os nossos actos, em apontar-nos

o que devemos fazer ou pôr de lado, em sentar-se ao leme e fixar a rota de quem flutua à deriva entre escolhos. (*Cartas* 16,3).

Enquanto “pedagoga da humanidade”, deveria chegar ao homem concreto, *deveria ensinar a agir, não a falar* (*Carta*, 20, 30), determinar-lhe uma conduta prática que fosse resultante da harmonia entre o interior e exterior.

Há, pois, uma coisa que te peço, meu caro Lucílio, com todo o empenho; interioriza a filosofia no mais íntimo de ti mesmo e fundamenta a avaliação do teu progresso não em palavras que digas ou escrevas, mas sim na tua firmeza de ânimo e na diminuição dos teus desejos, comprovas as palavras com os atos (*Cartas*, 20, 2).

Em síntese, a preocupação de Sêneca era chegar à formação de um homem ideal, um agente social que correspondesse às necessidades de uma sociedade em transformação.

Na perspectiva senequiana, a condição de sábio deveria ser o ponto culminante do processo educativo, pois era o maior estágio de aperfeiçoamento alcançado pelo homem que vivera segundo a prática da virtude.

El sábio no es insensible, experimenta las pasiones y el dolor, pero sabe sobreponerse a ellas sometiéndolas a la razón. Nunca se deja dominar por la ira, el odio ni la envidia. No puede vivir sin el cuerpo, pero procura no vivir para el cuerpo. No apega su corazón a las riquezas, ni se altera cuando las pierde. El sabio afronta los peligros, y lucha. Su vida es un esfuerzo heroico para no dejarse doblegar por las adversidades, ni dejarse vencer por la fortuna. [...] El sabio debe mantener por encima de todo una serenidad imperturbable [...]. Pero, si es vencido en la lucha, el sabio se somete serenamente al Destino, pero sin implorar

clemencia, como el gladiador que cae ante la espada de su vencedor. Así llega no solo a parecerse a los dioses, sino hasta a hacerce él mismo dios (SÊNECA apud FRAILE, 1971, p. 668)

Assim sendo, o sábio seria o homem que tem constância nas ações, nos atos e nos propósitos, indistintamente das circunstâncias, boas ou más; não perde o seu tempo com futilidades do mundo, nem se deixa envolver pelos apelos materiais, nem pelas distinções passageiras (SCHOPKE, 2002). Por ser senhor de si mesmo e por estar acima de todas as contingências, atinge o ideal da felicidade, está sempre feliz. Segundo Sêneca, com essas características, o sábio é encontrado raramente, por extensão, não é um privilégio de todas as épocas.

Olha que um homem de bem não é coisa que surja e se reconheça por tal assim tão depressa! E sabes o que eu entendo aqui por "homem de bem"? Apenas o de segunda categoria, porque o de primeira é como a fénix, que só aparece uma em quinhentos anos (*Cartas*, 42, 1).

Sua perfeição corresponde ao desenvolvimento das virtudes da natureza racional do homem, o que pode ser alcançado por qualquer um, desde que se aplique ao estudo e à prática da filosofia.

Enfim, todos os homens são iguais, portanto, todos eram instados a buscar a sabedoria. "Que razão me impede de pensar que pode vir a ser sábio um homem que desconhece o alfabeto, uma vez que a sabedoria não reside no alfabeto? (*Cartas*, 88, 32)". Entretanto, não se atingia a condição de sábio de maneira apressada, a partir de um momento de "iluminação", mas sim, mediante um esforço contínuo, uma

aplicação incessante e, sobretudo, um rigoroso exercício da vontade.

Com este perfil, por estar habilitado a despertar no homem, por meio do seu exemplo, o gosto pela prática da virtude e pela perfeição, o sábio converte-se no modelo e no guia do processo autoformativo proposto por Sêneca. Como tinha alcançado a qualidade de modelo, cujo brilho fulgurava com força e efetividade para todos aqueles que o requisitassem, o traço fundamental que caracterizava o sábio era a sua competência para ser pedagogo da humanidade. Ou seja, ele tinha adquirido a única condição para atingir a intemporalidade (GARCÍA GARRIDO, 1969): uma sabedoria que não se limitava ao seu tempo, mas avançava as centúrias em uma dinâmica educadora de todos aqueles que pretendessem galgar a perfeição.

[...] aqueles fundadores das sublimes filosofias nasceram para nós, e eles nos prepararam o caminho para a vida. Graças aos seus esforços, conduzem-nos das trevas à luz, aos mais belos conhecimentos. Não nos é vedado o acesso a nenhum século, somos admitidos a todos; e se desejamos, pela grandeza da alma, ultrapassar os estreitos limites da fraqueza humana, há um vasto espaço de tempo a percorrer. Podemos discutir com Sócrates, duvidar com Carneadas, encontrar a paz com Epicuro, vencer a natureza humana com a ajuda dos estóicos, ultrapassa-la com os cínicos.

Já que a natureza nos permite entrar em comunhão com toda a eternidade, por que não nos desviarmos dessa estreita e curta passagem do tempo e nos entregarmos com todo nosso espírito àquilo que é ilimitado, eterno e partilhado com os melhores? (*Sobre a brevidade da vida*, XIV, 1-2).

E Sêneca conclui:

Podemos afirmar que se dedicam a verdadeiros deveres, somente aqueles que desejam estar cotidianamente na intimidade de Zenão, Pitágoras, Demócrito, Aristóteles, Teofrasto e os demais de virtude. Nenhum deles deixará de estar à nossa disposição, nenhum despedirá o que o procurar, sem que faça mais feliz e devotado a ele, nenhum permitirá a quem quer que seja partir de mãos vazias; e eles podem ser encontrados por qualquer homem, tanto durante o dia como a noite.

Nenhum destes forçará tua morte, todos re ensinarão a morrer, nenhum dissipará teus anos, mas te oferecerá os seus. Nunca a conversação com eles será perigosa, fatal a amizade ou onerosa a deferência.

Conseguirás deles tudo o que quiseres: não será deles a culpa se não tiveres exaurido tudo o que desejas (*Sobre a brevidade da vida*, XIV, 5 e XV, 1-2).

Nesse sentido, não se pode limitar a eficácia da ação do sábio, quer em vida quer após a sua morte, desde que o homem propenso ao ideal de perfeição busque com dedicação e perseverança o seu exemplo.

Revestido dessas qualidades, o sábio, quando aparecesse, teria condições para ser o legislador, o jurista, o político, porquanto era ele quem melhor sabia discernir o que era justo e injusto para o homem e para o Estado (ULLMANN, 1996).

Entretanto, Sêneca se reportava ao conselho deixado por Demócrito: "que não tenhas muitas ocupações, nem em particular nem em público, aquele que deseja viver tranqüilo" (*Sobre a serenidade da alma*, XIII, 1), como indicativo de que ele considerava estas atividades infrutíferas e inúteis,

pois pouco contribuíam para o aperfeiçoamento humano. Em face disso, afirmava que o sábio deveria somente se dedicar aos negócios públicos enquanto a sua presença fosse necessária ou enquanto tivesse condições para tal.

[...] enquanto valer a pena mantermo-nos firmes no nosso posto, enquanto não formos constrangidos a fazer ou a suportar nada que seja indigno de um homem de bem. Se for este o caso, o estóico não se arruinará num esforço indigno e ultrajante, não se manterá activo apenas para se manter activo! [...] Quando o estóico se der conta de que está envolvido numa situação opressiva, dúbia, ambígua deve recuar; não voltar as costas, mas sim retirar-se gradualmente para lugar seguro (*Cartas*, 22, 8).

Sêneca parece encaminhar suas idéias para um sentido extremo, quando dá a entender a quase incompatibilidade entre a filosofia e a política (REDONDO e LASPALAS, 1997) e quando afirma:

Como pode de facto agradar ao vulgo alguém a quem só a virtude agrada? Não se conquista o favor popular por processos limpos. Terás que igualar-se primeiro ao vulgo, que só te aprovará quando te considerar um dos seus. Ora a tua formação a opinião que tenhas sobre ti mesmo importa muito mais do que a dos outros. A amizade de pessoas dúbias só se concilia por processos dúbios (*Cartas* 29, 11).

Nessa situação, para Sêneca, o homem corria o risco de se transformar em um ser amargo e descontente, visto ser natural no homem de bem, a existência de uma alma ávida para atuar.

Essas coisas todas são mais graves quando, por ódio da sua infelicidade laboriosa, refugiaram-se no ócio e nos estudos solitários, aos quais não pode suportar uma

alma elevada às coisas civis, desejosa de agir e inquieta por natureza, evidentemente pouco consolo encontrado em si mesmo. Por isso, tiradas as distrações que as próprias ocupações proporcionam aos que andam entre elas, o homem não suporta a casa, a solidão, as paredes e, contra a sua vontade, ele se vê abandonado a si mesmo. Daqui aquele tédio e descontentamento de si, a agitação da alma que nunca pára, e a triste e aflita paciência de sua própria inanição [...]; daí a tristeza e abatimento e as mil flutuações da mente incerta, a quem as esperanças iniciadas mantêm suspensa, as fracassadas mantêm triste; daí aquela disposição dos que detestam seu ócio e se queixam de nada ter para fazer [...] (*Sobre a tranquilidade da alma*, VI, 9-11).

Por outro lado, para Sêneca, o sábio, antes de se afastar da vida pública, para buscar refúgio na sua interioridade, deveria avaliar quais eram as verdadeiras circunstâncias que o estavam levando a esse afastamento. O cidadão não podia se furta à sua responsabilidade política com a simples justificativa de não ocupar um cargo na estrutura do poder.

Assim, ele propõe uma saída:

Procuras saber que auxílio, segundo meu juízo, deve-se empregar contra esse tédio. O melhor era, como diz Antenodoro, ocupar-se com a ação das coisas tanto no trato da república como nos deveres civis (*Sobre a tranquilidade da alma*, III, 1).

Neste caso, o sábio teria outras formas de servir à república que não fosse a atuação política:

[...] ao ter em vista o tornar-se útil aos cidadãos e aos mortais, aquele que se põe em meio a atividades, administrando segundo sua possibilidade os assuntos comuns e os particulares, acaba por

exercitar-se e progredir a um tempo. "Mas porque nesta", diz ele, "tão insana ambição dos homens, com tantos caluniadores a distorcerem as coisas corretas, pouco segura está a sinceridade e, uma vez que haverá sempre mais dificuldades do que sucessos, do foro, de certo, e do cargo público deve-se afastar-se. Mas até no particular uma alma elevada tem onde se desenvolver largamente, e não é porque o ímpeto de leões e animais refreia-se com jaulas, que assim seria com o dos homens, cujas maiores ações realizam-se em local apartado. Assim, todavia, ter-se-á ocultado, de modo que, onde quer que houver escondido seu ócio, quererá ser útil aos indivíduos e a todos com seu engenho, vós, conselho. Pois à república não é útil somente aquele que apadrinha candidatos, defende réus e opina sobre a paz e a guerra; mas ocupa-se, no particular, de assunto público também aquele que exorta a juventude, aquele que em meio à tamanha falta de bons preceptores insinua às almas virtude, aquele que segura e afasta os que se precipitam ao dinheiro e à luxúria e, se não o consegue de todo, pelo menos os retarda. Acaso aquele pretor que entre os estrangeiros e os cidadãos profere suas sentenças, ou, ainda, o pretor urbano, que aos que se aproximam pronuncia as palavras do assessor, acaso são eles mais úteis do que aquele que pronuncia o que é a justiça, o que é a piedade, o que é a paciência, o que é a coragem, o que é o desprezo da morte, o que é o conhecimento dos deuses, e que bem tão gratuito é a consciência? Por consequência, caso consagres aos estudos o tempo que hajas subtraído aos serviços, não terás desertado nem terás recusado teu dever [...] Se te houeres aplicado aos estudos, terás evitado todo fastio da vida, não desejarás a chegada da noite por causa do tédio do dia, nem a ti serás pesado nem aos outros inútil; atrairás a muitos para a

tua amizade, e os melhores afluirão a ti. Pois a virtude, ainda que obscura, nunca se esconde, mas envia de si sinais: quem quer que dela houver sido digno a conhecerá pelos vestígios (*Sobre a tranquilidade da alma*, III, 1-6).

Assim, Sêneca compõe um raciocínio sobre a forma de participação do sábio na vida pública: na medida em que lhe era pouco conveniente participar da política e tendo em vista a “república” ideal e, por extensão, universal, ele deveria se consagrar à educação, convertendo-se em pedagogo do “gênero humano”.

[...] não confiamos os nossos adeptos nem ao serviço de qualquer Estado, nem para sempre, nem indiscriminadamente. Mais ainda, quando nós atribuímos ao sábio o único Estado digno dele – ou seja, o Universo! –, o sábio, embora levando uma vida retirada, nem por isso passa a situar-se à margem do Estado; o mais que sucede é que ele, deixando um lugarejo estreito, acede a espaços mais vastos e mais largos [...]. Sim, aconselho-te o ócio – um ócio em que a tua acção será mais válida e mais digna e mais digna do que o mundo em que vivas (*Cartas* 68, 2.10).

Sêneca dedica-se, assim, a convencer seus discípulos a buscarem com ânimo o tempo “útil” (GARCÍA GARRIDO, 1969) para as suas reflexões. É isso, por exemplo, que ele faz em seu diálogo *Sobre o ócio*:

Porque ele sabe que, também então, haverá de ocupar-se útil aos pósteros. Somos nós certamente que afirmamos tanto de Zenão quanto de Crisipo terem feito eles maiores coisas do que se tivessem conduzido exércitos, exercido cargos honrosos, promulgado leis – que aliás eles promulgaram, não para uma só cidade, mas para todo gênero humano. Que há, por-

tanto, que ao homem de bem não convenha um ócio tal que lhe permita dirigir os séculos futuros e falar não entre poucos, mas entre todos os homens de todas as nações, tanto os que existem como os que existirão? Em suma, pergunto se Cleantes, Crisipo e Zenão teriam vivido de seus preceitos. Sem dúvidas responderás que viveram tal qual haviam dito que se devia viver. Ora, nenhum deles tomou parte na administração pública. Não tiveram, dizes, a condição ou a conveniência que se costumam exigir no trato das coisas públicas. Não levaram, contudo, vida inerte: descobriram o modo de tornar sua neutralidade mais útil aos homens que a agitação e o suor de outros. Logo, embora aparentemente não agissem em nada, deram a impressão, não obstante, de terem agido muito (*Sobre o ócio*, VI, 4-5).

Essa mesma idéia pode ser encontrada em uma de suas Cartas a Lucílio, quando responde à objeção de seu discípulo preferido:

“Então tu mandas-me evitar a multidão, conservar-me retirado, contentar-me com a minha consciência? Que é feito daquelas vossas máximas que nos objurgam a morrer em plena acção?”

Bom ao que parece eu estou-te aconselhando a inércia? Se eu me recolhi em casa e fechei as portas foi para poder ser útil a um maior número. Nem um único dia me chega ao fim na ociosidade; parte da noite, reservo-a para os meus estudos; não me disponho ao sono – sucumbo a ele, e deixo repousar sobre o meu trabalho os olhos cansados da vigília e já prestes a cerrar-se. Retirei-me não só dos homens, como dos negócios, começando com os meus próprios: estou trabalhando para a posteridade. Vou compondo alguma coisa que lhe possa vir a ser útil: passo ao papel conselho [...] conselhos que sei serem

eficazes por tê-los experimentado nas minhas próprias feridas, as quais, se ainda não estão completamente saradas, deixaram pelo menos de uma torturas. Indico aos outros o caminho justo, que eu próprio só tarde encontrei, cansado de atalhos. [...].

Ao formar estas reflexões, tanto para mim próprio como para a posteridade, não te parece que estou a ser mais útil do que se comparecesse como consultor numa citação judiciária, se imprimisse o meu sinete no fim dum testamento, ou se fosse ao senado dar o meu voto e o meu apoio a um candidato qualquer? (*Cartas* 8, 1-2.6).

Fica claro, portanto, que o conceito de *ócio útil* em Sêneca não tem a conotação de um refúgio individual. O conselho dado ao sábio é que ele se afaste do negócio público para explorar suas potencialidades e possibilidades em favor da Humanidade (GARCÍA GARRIDO, 1969). Trata-se, portanto, de um exercício (ação?), de um compromisso de caráter intransferível.

Isto seguramente se exige do homem: que seja útil a homens. Se possível a muitos; quando não, a poucos; quando não aos parentes; quando não, a si. Pois, quando se faz útil aos demais, ele serve ao interesse geral. Assim, pois, quem se corrompe não prejudica somente a si, mas também a todos aqueles aos quais, em se aperfeiçoando, teria podido ser útil; inversamente, quem quer que se porte bem em relação a si é útil a outros pelo fato mesmo de preparar-se ele a ser-lhes útil (*Sobre o ócio*, III, 5).

Daí Sêneca afirmar ser o sábio um bem comum e o seu respeito pela dignidade humana dizer respeito a todos os homens. Enquanto depositário da sabedoria, o sábio tem a obrigação de criar as condições necessárias para a sua propagação. Esta

concepção explica as reflexões de Sêneca a respeito de si mesmo: “que os meus estudos de hoje não tenham sido só em meu proveito” (*Cartas* 7, 10). Eis o que nosso pensador confia com Lucílio em uma de suas correspondências:

Tu não podes conceber de quanta importância se reveste para mim cada dia. “Compartilhar comigo tudo cuja eficácia experimentastes” – dirás tu. Eu não desejo outra coisa senão transmitir-te toda a minha experiência: aprender dá-me sobretudo prazer porque me torna apto a ensinar! E nada, por muito elevado e proveitoso que seja, alguma vez me deleitará se guardar apenas para mim o seu conhecimento. Se a sabedoria só me for concedida na condição de guardar para mim, sem a compartilhar, então rejeitá-la-ei: nenhum bem há cuja posse não partilhada dê satisfação (*Cartas* 6, 4).

Ele alertava que, na prática, isso implicava abdicar as orientações do “academicismo” que centrava a sua preocupação na formação intelectual e cultural dos homens, ao mesmo tempo em que descuidava da sua formação moral (REDONDO e LASPALAS, 1997). Era como se, para os acadêmicos, essa ação fosse responsabilidade apenas do pedagogo e não do filósofo, como se o sábio não fosse o “pedagogo” do gênero humano, conforme argumentava com Lucílio:

Ariston de Quios considerou a física e a lógica não só supérfluas como ainda contraproducentes. A própria moral, a única que conservou, amputou-a daquela parte dedicada aos conselhos de ordem prática, dizendo que isso é tarefa de pedagogo, e não de filósofo, como se o filósofo-sábio não fosse precisamente o pedagogo do gênero humano (*Cartas* 89, 13).

Numa ação dinâmica, criadora e transformadora do homem e da sociedade, revestido de todas as condições morais e éticas, o sábio pode assumir a condição de guia do homem desejoso da sabedoria, da virtude e da perfeição, quer em seu próprio tempo quer em momentos distantes do seu. Compreendendo e respondendo a esses valores fundamentais, ele materializaria o processo formativo.

Por tudo o que foi dito, é possível avaliar a importância de Sêneca para uma época tão conturbada como foi a sua. Entretanto, como sábio, ele também ultrapassa seu tempo, exercendo grande influência na cultura ocidental desde a Antiguidade até a contemporaneidade. Durante a época medieval, esteve presente nas reflexões de muitos Padres da Igreja, a exemplo de Tertuliano, Santo Ambrósio, Santo Agostinho, Tomás de Kempis. Na modernidade, contribuiu para o pensamento de Montaigne, Descartes, Leibniz, Kant e Nietzsche, entre outros. Na contemporaneidade, não se pode esquecer a repercussão de suas idéias de igualdade entre os homens na elaboração dos direitos humanos (ULLMANN, 1996). É inegável, portanto, a relevância do estudo de seu pensamento na atualidade, por razões históricas, éticas ou acadêmicas.

Em particular, é interessante investigar as contribuições do seu modelo educacional para o presente. Os princípios éticos e morais por ele defendidos no sentido de

fazer do indivíduo um ser virtuoso e feliz, devidamente adaptado, podem ser adequados aos complexos problemas que o homem enfrenta na atualidade. É instigante observar que, apesar de, a rigor, assumirem diferentes perfis e funções de acordo com as particularidades de cada época, as preocupações existenciais do homem apresentam traços de semelhança em todos os tempos, lugares e culturas.

É nessa linha de raciocínio que Reinhold Aloysio Ullmann apresenta o pensamento de Sêneca:

Os escritos de Sêneca ainda hoje conservam profunda validade, porque perpassados de perenes valores humanísticos. Ele procurou responder à interrogação fundamental da existência humana. Como deve o homem agir e portar-se, em meio à angústia e à preocupação da vida, para assegurar [...] a felicidade e a paz (ULLMANN, 1996, p. 63).

Concluindo, no pensamento de Sêneca, que ultrapassou centúrias, podem-se apreender lições que parecem atuais, tanto no que diz respeito à formação do homem quanto a seus problemas existenciais.

Nota

¹ Lúcio Aneu Sêneca nasceu em Córdoba no ano 4 a.C. e morreu em 65 d.C. Foi um advogado, filósofo, político e orador brilhante que se tornou questor e, mais tarde, ascendeu ao cargo de cônsul. Preceptor e conselheiro de Nero esteve à frente do Império Romano por quase dez anos. Condenado por Nero, por alta traição, foi obrigado a suicidar-se abrindo as veias.

Referências

ALMEIDA PRADO, Anna Lia Amaral de. Apontamentos para um estudo sobre a moral de Sêneca nas Epistolae ad Lucilium. *Anuário de 1946-47*. São Paulo: Faculdade de Filosofia do Instituto "Sedes Sapientiae" da Universidade Católica de São Paulo, 1946-47. p. 159-170.

CAMBI, Franco. *História da Pedagogia*. São Paulo: Editora UNESP, 1999.

GARCÍA GARRIDO, J. L. *La filosofía de la educación de Lucio Annaeo Séneca*. Madrid: Editorial Magisterio Español, 1969.

LI, William. Introdução. In: SÊNECA. *Sobre a brevidade da vida*. São Paulo: Nova Alexandria, 1998.

OLIVEIRA, Luizir de. *Sêneca, a vida na obra: uma introdução à noção de vontade nas epístolas a Lucílio*.{s.d.} Dissertação (Mestrado) – Pontifícia Universidade Católica, São Paulo, 1998.

REALE, Giovanni. *História da Filosofia Antiga*. v. IV. São Paulo: Loyola, 1994.

REDONDO, Emilio; LASPALAS, Javier. *Historia de la Educación: Edad Antigua*. Madrid: Dykinson, 1997.

SANTOS SILVA, Marilda Evangelista dos. Sêneca, o humanista. *Calíope*. Rio de Janeiro, Faculdade de Letras, UFRJ, ano I, n. 1, p. 87-94, jul/dez, 1984.

SÊNECA, Lúcio Aneu. *Cartas a Lucílio*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1991.

_____. *Sobre a brevidade da vida*. São Paulo: Nova Alendria, 1996.

_____. *Sobre a tranqüillidade da alma*. São Paulo: Nova Alexandria, 1998.

_____. *Sobre o ócio*. São Paulo: Nova Alexandria, 1998.

SHOPKE, Regina. Apresentação. In: SÊNECA. *Aprendendo a viver*. São Paulo: Martins Fontes, 2002.

ULLMANN, Reinholdo Aloysio. *O estoicismo romano*. Porto Alegre: Edipucrs, 1996.

Recebido em 19 de setembro de 2005.

Aprovado para publicação em 28 de outubro de 2005.